JEAN ITIBERÉ
(1870 — 1953)

UM INFORMANTE

Cassiana Lacerda

As comemorações de um centenário parecem sempre estar ligadas a manifestações de cunho encomiástico quando, a meu ver, trata-se de ocasião excelente para uma interpretação polivalente, talvez até agressiva, que procure restituir ao autor em questão a sua vida autêntica.

Seria bastante fácil, no primeiro caso, retomarmos um dos aspectos da vida de Jean Itiberé, que parece ter sido o que mais impressionou a crítica. Trata-se de colocar Jean Itiberé como o introdutor das idéias simbolistas no Paraná ou, indo mais longe, como afirma Tasso da Silveira: “foi o introdutor, não apenas no Paraná, **mas no Brasil**, da estesia simbolista”.¹

Realmente, a volta de Jean Itiberé, em 1893, depois de uma carreira bastante movimentada na Europa, deve ter provocado bastante tumulto na Curitiba provinciana daquela época.

Pois, quem voltava não era mais o João Itiberê da Cunha, mas Jean Itiberé, antigo aluno do Colégio Saint-Michel em Bruxelas, o colega de Maeterlinck, Verhaeren, Ivan Gilkin, do rei Alberto, o doutor em direito formado pela Universidade de Bruxelas, e participante do movimento de **La Jeune Belgique**, um dos mais importantes do simbolismo europeu, o colaborador do **Le Figaro de Paris**. Era o autor dos **Préludes** (1890) obra editada por Paul Lacomblez, e exposta nas vitrines no mesmo dia que **Serres Chaudes** de seu amigo Maeterlinck, e que recebeu por ocasião de sua estréia cartas de Leconte de Lisle, Heredia, Henri Chenier, Sully Prud'homme, (cujos originais são encontrados no arquivo da Academia Brasileira de Letras).

Depois de haver participado deste movimento excepcional, a figura de Jean Itiberê impressiona mesmo nos dias atuais, e o im-

¹ — SILVEIRA, Tasso da. Literatura Paranaense. In: PARANÁ. **Album do 1.º Centenário da Emancipação Política do Paraná**. Rio Grande do Sul, Glôbo, 1953, p. 24.

pacto que causou ao chegar deve ter condicionado pronta aceitação dos meios intelectuais, sendo portanto inegável a influência que teve "na formação da atmosfera intelectual em que surgiu o simbolismo no Paraná"².

Considerar Jean Itiberé como o informante das notícias frescas do movimento europeu e o introdutor de autores ocultistas no Paraná é bastante justo.

Porém, mesmo este aspecto deve ser reconsiderado, visto que vem sendo sustentado mais pela tradição. Assim, faz-se necessário responder: Antes de Jean Itiberé o que havia no Brasil e no Paraná, em termos de simbolismo? Além da tradição como sustentar sua influência? Quais as marcas concretas de sua passagem pelo Paraná? Qual a posição do poeta como inovador?

Sem nenhuma pretensão em traçar uma cronologia do simbolismo brasileiro e paranaense, não só por ser um terreno muito perigoso, e que não traduz a realidade interna da literatura, mas para não cair no erro grosseiro de esquecer a permanência do simbolismo como clima poético, é preciso lembrar que Jean Itiberé retornou ao Brasil em 1892, chegando a Curitiba em 1893.

Ora, é um fato no panorama brasileiro, a existência de uma fase preparatória representada por Medeiros e Albuquerque, que já em 1887, graças a "relações que um amigo seu particular mantinha em Paris com o grupo mallarmista, pode êle juntar uma coleção, relativamente rica dos revolucionários"³.

Neste mesmo ano Domingos Nascimento apresenta sinais de simbolismo em seus **Trenos e Arruídos**. Em 1890 B. Lopes demonstra a mesma impregnação em **Dona Carmem**, isto apenas para citar alguns precursores mais importantes.

O primeiro grupo de poetas **conscientemente** simbolista, encontramos reunido em torno da **Fôlha Popular** (1890-2), onde se destacam Emiliano Pernetta, B. Lopes, Cruz e Souza e outros.

Considerando, ainda em 1892, o movimento da **Padaria Espiritual** responsável, em grande parte, pela propagação no norte e nordeste, das idéias simbolistas, chegamos em 1893, data-definição do simbolismo entre nós, com a publicação dos **Broquéis** de Cruz e Souza.

Assim, quando chega ao Brasil, Itiberé já encontra formado no

2 — ANDRADE MURICY. João Itiberê da Cunha. In: —. **Panorama do Movimento Simbolista**. Rio de Janeiro, INL, 1952. v. 2, p. 44

3 — ARARIPE JÚNIOR. **Literatura Brasileira. Movimento de 1893**. In: —. **O Crepúsculo dos Povos**. Rio, Emp. Democratica, 1896. p. 67.

Rio o grupo da **Fôlha Popular**, não cabendo, portanto, a êle o título de "fundador da estesia simbolista no Brasil".

Em Curitiba, Jean Itiberé também vai encontrar um ambiente formado, além de publicada a já citada obra de Domingos Nascimento, o que impõe um novo exame em sua participação no movimento paranaense.

Com a publicação do **Cenáculo** (1895-7), costuma-se considerar como definitiva a implantação do simbolismo no Paraná, revista esta que conseguiu por alguns anos centrar o movimento brasileiro. Veremos que a participação de Jean Itiberé no grupo formador da revista pode ser encarada através de várias perspectivas.

Silveira Neto ao traçar um esboço histórico do grupo do **Cenáculo**⁴ vai levantar vários problemas.

Primeiramente, a sua data de formação é bem mais longínqua (antes de 1892), tendo nascido das antigas reuniões no **Karoim** subterrâneo, na residência de Dario Velloso.

Participavam das reuniões Silveira Neto, Antônio Braga, Dario Velloso, juntando-se a êles, mais tarde, Júlio Pernetta.

O primeiro grande esforço do grupo vai se manifestar através da **Revista Azul** (1893), na qual também irá colaborar Domingos Nascimento. Interessante notar que é na **Revista Azul** que Jean Itiberé vai publicar seu primeiro texto no Paraná: **Ironie**, porém Silveira Neto não faz nenhuma referência ao novo colaborador.

A **Revista Azul** durou pouco tempo tendo sua publicação suspensa "por efeito dos movimentos anormais de defesa ante a dolorosa perspectiva de invasão revolucionária, cimentou-se ela nas fecundas e amigáveis palestras que entretínhamos no gabinete subterrâneo"⁵.

Outra referência interessante a assinalar no artigo de Silveira Neto é o de que nasce no grupo acentuado interesse pela música, graças à participação de Augusto Stresser e Gabriel Ribeiro.

Mais uma vez não faz referência a Jean Itiberé, que também na Bélgica iniciara suas experiências harmônicas, do que resta um documento expressivo, uma suite para piano.

O grupo do **Cenáculo** vai se completando com Leôncio Correia, Alberto Rangel, Ricardo Lemos, Júlio Theodorico Guimarães, sendo a figura decisiva que vem juntar-se a êles, segundo Silveira Neto, Luiz

4 - SILVEIRA NETO, Manuel. O **Cenáculo**. **Club Curitibano**. Curitiba (18):3, 30 nov. 1894.

Murat, depoimento que coloca Itiberé em posição pouco favorável, no sentido de uma importância renovadora.

Porém, é o **Cenáculo** que vai assinalar de maneira efetiva a experiência de Jean Itiberé no Paraná. Nela encontramos o maior número de textos de sua autoria, bem como a colaboração de Ivan Gilkin que certamente foi conseguida graças às suas relações com o poeta belga.

Pelas dedicatórias de seus textos podemos perceber que desde logo foi Dario Velloso seu maior "confrère". Este último não só traduziu alguns de seus textos, como também na carta a Jean Itiberé, **Ciência Oculta**⁵, faz observações decisivas acerca da importância de Jean Itiberé em sua formação, principalmente na introdução à leitura de autores ocultistas. Nesta carta, bem como em sua obra **Retiro Saudoso**⁶ Dario Velloso assinala o interesse nascente em todo grupo pelos mesmos autores e a sua aproximação intelectual com Itiberé:

"Em 95 — lembra-te? — nossa alma se afinizou num sincero ímpeto de afeição recíproca (...) Hemos subido, por vêzes em deliciosas palestras, aos sonhos magníficos do Grande Arcano, abrindo lótus de confidências, lírios de idílios mortos, numa confabulação muito íntima e muito boa. Hemos descido à noite das idades extintas, das civilizações apagadas, perdidos naquela assombrosa terra inolvidável do Oriente e do Egito, terra do Ganges, terra do Nilo!"⁷

Jean Itiberé por sua vez confirmará as palavras de Dario Velloso acerca do convívio intelectual de ambos: "no número dois da revista deparei com algumas linhas, escritas a lápis, em que me pedias a tradução do teu artigo **A Grécia Esotérica**, a fim de o enviar a Papus, e também a versão para o francês do prefácio das **Esotéricas**, sua profunda análise onde resumiste com maestria a Missão da Arte"⁸

Não apenas estas cartas se nos apresentam como documentos que atestam a importância das informações de Jean Itiberé, como também os periódicos a partir de 1893 revelam uma transformação no sentido da presença de textos e estudos sobre o ocultismo, esoterismo. Basta tomarmos as revistas **Club Curitibano**, **A Esfinge**, **Mirto** e **Acácia** e outras, para encontrarmos repetidas vêzes os nomes de Péladan, Eliphas Lévi, Papus, Falie d'Olivet, Saint Yves d'Alveydre etc.

5 — VELLOSO, Dario. Carta a Jean Itiberé **Ciência Oculta**. **Club Curitibano**. (9): 1-2, set. 1898.

6 — Idem, Dario. **Retiro Saudoso**. In: **In Obras**. Curitiba, INP, 1969. V. 1.

7 — Idem. Carta à Jean Itiberé; **Ciência Oculta**. **Club Curitibano**. Curitiba, (9): 2, set. 1898.

8 — PILLOTO, Erasmo. **Dario Velloso**; **Cronologia**. Curitiba, INP, 1969, p. 65.

Porém como escritor Jean Itiberé pouco deve ter acrescentado, e sua obra é um verdadeiro contraste diante do brilhantismo das experiências que viveu.

Apesar de representar sua época, é mais “um parnasiano cujos versos tem a sonoridade de bronze, dos versos métricos homéricos de Leconte”.⁹

Os textos que publicou no Paraná são uma prova de que como escritor sua influência deve ter sido mínima, se bem que anuncie certo refinamento decadente em **Pierrot Moderne, Le Dada, Soror Martha**.

Outro aspecto de sua obra é a grande influência baudelairiana combinando temas de luxúria, tableaux malsains, perversidade, porém sem atingir a densidade dos versos do poeta francês.

Mesmo as idéias ocultistas ou esotéricas foram teóricas. Apenas um conto, **Páginas de Orinomância**, revela esta tendência, que foi um dos elos mais fortes de sua amizade com Dario Velloso.

Enfim, pelo fato de haver pertencido ao movimento de **La Jeune Belgique**, não quer dizer que deva ser um “puro” simbolista, pois a revista de Max Waller, como assinala Guy Michaud,¹⁰ acolheu todos os temperamentos e tôdas as influências e, mais ainda, a poesia belga mesmo em seus grandes dias de simbolismo continuou antes de tudo plástica e pictorial.

Por isso, os **Préludes** não escapam a esta preocupação plástica, ainda que hesitem entre as várias correntes desde a onda wagneriana às composições neo-românticas, onde no esforço em transpor seu desequilíbrio e a sua nostalgia não faz da paisagem uma sugestão, mas a projeção exterior de sua alma.

Se os **Préludes** foi uma obra de iniciante, as composições publicadas no Paraná são fruto de diletantismo, tendo sido a literatura mais um acidente na vida deste homem refinado e de profundo bom gosto.

Porém a rápida passagem de Jean Itiberé pelo Paraná, como um informante experimentado continua sendo um capítulo importante na história do simbolismo brasileiro.

9 — PERNETTA, Emiliano. A Literatura Paranaense em 1900. In: —. **Obras Completas**. Curitiba, Gerpa, 1951. V. 2 p. 246-250.

10 — MICHAUD, Guy. **Message Poétique du Symbolisme**. Paris, Nizet, 1954.

ESPARSOS DE JEAN ITIBERÉ

(Publicados nas revistas literárias de Curitiba de 1893 - 1898)

IRONIE

J'aime le lourd parfum des fleurs de cimetière,
Des fleurs où chaque mort a posé son baiser,
Des fleurs dont les racines ont été puisées
Leur sève dans l'inerte matière.

J'aime la violence et la vie insultante
De cette flore étranger et vibrants attraits,
Qui, comme une catin sans coeur, impénitente,
Offre à l'homme râlant ses charmes indiscrets.

(Revista Azul (4):1, set. 1893)

LES CIGOGNES

A. M. Emile Sigogne

Avez-vous vu passer les cigognes pensives
Comme une blanche ligne à travers l'air brumeux
Et prendre leur haut vol vers les lointaines rives
Des lacs d'azur que dore un soleil fabuleux?

Avez-vous contemplé dans leur tranquille essor
Ces pâles voyageuses
Dont les ailes neigeuses
Palpitaient dans l'éther, lourd d'un peu d'ombre encore?

Ne vous sembla-t-il pas voir, comme une lueur,
S'envoler l'essaim de vos rêves infidèles?
Oh! que ne suis-je donc ces cigognes, mon coeur,
Pour m'enfuir avec eux d'un palpitement d'ailes!

(Revista Azul (5):8, out. 1893)

DOUTE ET DÉSEPOIR

O! comme le corbeau du doute a laissé choir
Son aile sombre sur mon âme!
Et qu'il fait noir
Depuis, en mon âme,
Depuis qu'il a soufflé la flamme
Qui brillait dans la nuit opaque de mon âme.

O! comme le vautour de la désespérance
A déchiré mon jeune coeur!
Et que de souffrance
Depuis en mon coeur,
Depuis qu'il a bu la liqueur
De mes doux rêves dans la coupe de mon coeur.

(**Revista Azul** (6): 5, out. 1893)

PERVERSITÉ

Je veux faire mes vers, serpents capricieux,
Ramper sournoisement vers la beauté rêvée
Pour glisser la luxure en sa chair enervée
Des morsures et des lourds baisers vicieux.

Et pour nimber ses seins, les rois des hémisphères,
Avec le corps lacif, onduleux et trainant,
Des strophes lentes et des rimes serpentaires,

Et lécher son col de vierge rayonnant,
Erigé comme un lis à la splendeur nacrée,
Et pour flétrir la fleur de son âme sacrée,
Et succer son doux coeur, ce lourd rubis saignant.

(**Club Curitibano** (20): 4, 31 dez. 1895)

RONDEL

Comme un paysage de lumière
Dans la clarté d'or du matin
Ta chevelure de satin
Brille sur ta figure fière.

L'amour en sa beauté première
Parle dans ton regard mutin
Comme un paysage de lumière
Dans la clarté d'or du matin.

J'aime la grâce familière
De ton rire vif argentin,
Après qu'un baiser clandestin
A fait allumer ta paupière
Comme un paysage de lumière.

(**Club Curitibano** (1): 2, jan. 1895)

TABLEAU MALSAIN

Je la vis étendu en une pose lasse
De panthère repue, ivre de sang tout frais.
Un sourire glissait sur la fleur de sa bouche
Et ses grands yeux meurtris de volupté farouche
Rêvaient du vicieux baiser aux forts attraits,
De l'infécond baiser qui consume et qui glace.

Ses longs cils ténébreux avec lourdeur baissés,
Plaquaient sur son visage étrange et satanique
Un immobile nimbe d'ombre tyrannique,
Carcam mystérieux serrant ses yeux lassés
Qui cachaient dans la nuit de la paupière pâle
Leur teinte demeurée à jamais sphinxiale.

(Club Curitibano (1): 4, 15 jan. 1895)

LA SOEUR DE CHARITÉ

A. Dario Velloso

Comme un divin rayon des cieus bleu envolé,
Elle, la blanche Soeur, aux lèvres tant pâlies,
S'avavançait. Et soudain les douleurs abolies
Cherchaient dans son regard tendre l'espoir ailé.

Le front par le martyr des souffrances hâlé
Et courbé sous le poids des veilles accomplies,
Se creusait, inquiet, plein de mélancolies,
Mais sa coiffure y mettait un blanc nimbe étoilé.

Et son âme éployait les ailes familières
Vers le Séjour béni des extases premières,
Vers l'Au delà lointain du rêve très-aimé;

Et l'Ave, cet élan du coeur et du génie,
Doux mystérieux, d'amour pur enflammé,
S'échappait de sa bouche ainsi qu'une harmonie.

(Club Curitibano (13): 4, 15 jul. 1895)

LES JOUEURS

A Dario Velloso

Le geste halluciné, défaits par l'insomnie,
Les fronts fiévreux penchés sur le tapis crasseux

Qu'éclairait louchement un vieux quinquet fumeux,
Ils attendaient du sort la suprême ironie...

L'un souillait son honneur, l'autre jouait sa vie,
Et devant eux, ainsi qu'un maître dédaigneux,
Se tenait l'usuraire, un petit juif hideux,
Présidant à ce duel de mort, d'ignominie.

Et le sort s'accomplit fatal de son horreur.
Et lorsque au loin pointait une pâle lueur,
L'un d'entre eux se leva, venant de perdre encore.

Hagard, sombre, il fit feu du revolver puissant
Et sa tête roula dans les gerbes de sang,
Comme un royal salut de la Mort à l'Aurore!

(Cenáculo (1): 107, 1895)

PAROLES D'ATHÉE!

Crachant sur tous les dieux et toutes les croyances,
J'irai le front altier et sans illusions,
Porter le Doute sain parmi les consciences
Et sauver les humains des superstitions.

Je ferai sur l'Autel de la place aux Sciences,
Et je renverserai sur les ambitions
Les explorateurs vils des toutes les souffrances,
Les vendeurs de Divin et de Religions.

Et lorsque je mourrai, si le Dieu de leur Bible
Existe quelque part, qu'il m'écrase, inflexible,
Dans son juste courroux des esprits Incroyants.

Et parmi les Élus Bienheureux, pleins de Vie,
Entonnant l'Hymne ardent de leur âme ravie,
Je serais comme un mort au milieu des vivants.

(Cenáculo (1): 176, 1895)

OPHELIA

O! blanche Ophelia, la rêveuse Epousée
Qu'attend toujours Hamlet dans la froideur des marbres...
Que sont vieilles les eaux, comme sont vieux les arbres,
Qui t'ont vue au courant des ondes balancées,

Plus pâle que l'aurore et de fleurs couronnée.
Lentement tu vogais sous l'ombrage des arbres
Et ton corps était blanc de la blancheur des marbres
Et ton visage doux comme la matinée.

Ophelia! le cœur d'Hamlet palpite encore
Pour toi dans la noirceur des tombes glaciales,
À jamais il attend pour les nuits nuptiales.

Ombres, Spectres, fuyez! Que veut dire la Mort
Si L'Amour est divin, les Âmes immortelles?
Au ciel les passions deviendront éternelles!

(Cenáculo (1): 213, 1895)

LES PREMIÈRES PERLES

Lorsque l'Homme expiant le crime irréparable
D'avoir osé rêver un rêve séducteur,
Errait, tragiquement, désabusé lutteur,
Suivi d'Eve, la blanche épouse, inconsolable,
Parmi les rocs désert, rongés des flots hurlants,
Il sentit la sueur rouler sur son front blême
Et ployant sous le poids du suprême anathème,
Il voulût reposer l'âme et le corps sanglants.

Mais la terre était dure et de ronces remplie
Et refusait sa couche au triste et doux Banni...
Et l'homme murmura: "Hélas! tout est fini,
"Tout n'est que désespoir désormais dans la vie;
"Plus de baiser d'amour, plus de rêves sans fin,
"Au milieu de l'aurore impérissable et belle;
"Plus de chants douxereux dans ta bouche fidèle
Emplissant de gaité notre éternel matin...

"Souvenirs torturants de tendresses premières
"Dans l'azur et dans l'or des Edens disparus
"Pourquoi poursuivez-vous de vos regrets accrus
"L'Homme triste, proscrit du jardin des lumières?
Succombant de fatigue et mordu de tourments
Il s'arrêta soudain dans sa marche incertaine,
Tordant les poings crispés vers la ligne lointaine
De l'horizon, il dit: "O! Dieu! tu mens, tu mens!...

Eve, pâle et tremblante en sa nudité chaste,
Pleurait amèrement auprès de son époux.
Son front encadré d'or était superbe et doux;
Son regard parcourait le sol aride et vaste,
Et des larmes de deuil glissaient de ses grands yeux
Comme le flot limpide et courant qui déferle;
Et chaque larme était, en tombant, une perle,
Et l'Homme les baisa d'un baiser radieux!

(Cenáculo (1): 264, 1895)

LA DÉBÂCLE

Viens libérer mon âme où la douleur habite,
Viens briller dans la nuit opaque de mon cœur,
Viens, ô! Belle, lutter avec le mal vainqueur
De mon cœur plus souffrant qu'un cœur de cenobite.

Du sourire argentin qui s'évole moqueur
De la fleur de ta bouche où la gaité palpite
Éblouis la noirceur de mon âme proscrite
Où l'Enfer tout entier hurle un funèbre choeur.

Que j'oublie en tes bras comme au plus fond d'un gouffre
Le monde que m'ennuit et mon être qui souffre
Et que je dorme enfin d'un sommeil bestial.

Plus de Rêves, plus rien, plus de dieux qu'on respecte,
La boue comme une mer va charriant le mal
Et le siècle s'effrond en pourriture infecte.

(Cenáculo (2): 22, 1896)

L'ÉTERNEL AMOUR!

Faites de votre cœur le sépulcre du mien
Et de votre âme aussi la tombe de mon âme,
Et votre corps sera comme un temple païen
Où mon être ainsi qu'un parfum rare s'enflamme.

Les temps apporteront les lugubres hivers
Comme après le matins se meurent les rosées
Mais qu'importe! malgré le souffle des enfers
De ce monde et de l'autre-ô! les folles risées!

Nous vivrons, ó très chère, et pour l'éternité;
Jeunes et fiers meurtris de volupté farouche;
Moi, faisant mon cerceuil de toute ta beauté,
Toi, de mon être entier les baisers de ta bouche!

(Cenáculo (3): 94, 1896)

LE SPHINX

J'ai voulu pénétrer les secrets de ton corps
Et lire sur ta bouche un mot de volupté,
Mais ta bouche était close ainsi qu'un lourd tombeau
Et tout désir fuyait comme fuit le corbeau,
Sûrement par ses goûts et son flair emporté
Vers la chair entassée et la puante des morts.

J'ai voulu pénétrer les secrets de ton cœur
Et lire dans tes yeux leur langage muet,
Mais tes yeux étaient noirs comme est noire la nuit
Et ton secret fuyait comme l'oiseau qui fuit
Des vieux champs ravagés qui non plus de bluet
Où poser son baiser palpitant et vainqueur.

J'ai voulu pénétrer les secrets de ton âme
Et lire dans ta voix un fol amour, peut-être;
Mais ta voix était blanche ainsi que l'aube est blanche
Et ton secret fuyait, comme de blanche en blanche,
Dans le mystère et la froideur de tout ton être;
Mais je me venge, ô Sphinx! Ta bauté les proclame!

(Cenáculo (3): 182, 1896)

METAMORPHOSE

J'ai laissé s'écrouler, tels les glaçons d'hiver
Qui s'en vont rudement charriés vers la mer,
Les ennuis fauves qui peuplaient la solitude
De mon cœur jeune et plein de noire lassitude.

J'ai chassé le spleen bête et pesant comme un'enfer;
Pour toujours j'ai fermé les portes de l'enfer
Où mon âme enchaînée et dans l'inquiétude
Souffrait d'une douleur sans nom, féroce et rude.

Et ju vis dans les fous rêves des nuits d'amour,
Plus goulé de baiser que de chair de vautour,
Épuisant d'un trait la coupe des ivresses;

Et lorsque le soleil, éternelle beauté!
Verse sur nous sa chaude et vivante clarté
Je dors, très sagement, aux bras de mes maîtresses.

Club Coritybano (11): 3, 15 de novembro 1896.

CONTRASTE

(Poème en prose)

A Domingos Nascimento

I

O! que les feuilles tombent tristement des arbres par cette sombre nuit d'hiver, et qu'elles m'ont l'air de larmes sanglantes pleurées par des fantômes aux bras éperdus!

Le sol en est tout jonché. Et elles s'en vont au loin, messagères des tristesses et de deuil, porter dans leur course hasardeuse la griserie du spleen et le spectre du suicide.

Avec quels gémissements s'agitent tous ces squelettes de la nature, avec quelles plaintes lancinantes se tordent-ils vers le ciel et les ténèbres!...

II

O! que les feuilles tombent légères des arbres par cette claire nuit d'hiver, et qu'elles m'ont l'air de papillons dorés et frivoles lachés en folle course par les vieux arbres réjouis!

Le sol en est tout jonché. Et ils s'en vont au loin, messagers de bonheur et de joie, porter dans leur course hasardeuse la griserie du rêve et l'amour de la vie.

Avec quelle tendresse s'agite toute cette nature endormie, avec quelle gaité confuse se dresse-t-elle vers le ciel et la lumière d'argent...

Contraste

(poema em prosa)

Especialmente traduzido para a revista Club Coritybano

Oh! como, nesta sombria noite hibernosa, as folhas tombam

tristemente, como sanguíneas lágrimas vertidas por fantasmas de braços desolados!...

Juncado o solo. E elas se vão para longe, arautos de tristeza e de luto, em venturosa debandada, arrastando a embriaguez do spleen e o espectro do suicídio.

Com que gemidos fremem e se deslocam esses esqueletos da natureza, com que lancinantes queixumes se contorcem, atraídas para o éco e para a treva!...

II

Oh! como, nesta límpida noite de inverno, caem rapidamente as fôlhas, quais frívolas borboletas de ouro, abandonadas em tresloucado tresvario pelas vetustas árvores regozijadas!

Juncado o solo. E elas se vão para longe, arautos da ventura e alegria, levando em temerária revoadas a embriaguez do sonho e o amor da vida.

Com que ternura tôda esta natureza adormecida se agita, com que desordenada jovialidade se ergue para o céu e para a luz de prata...

(**Club Coritybano** (14): 7,31 de jul. 1895)

SOROR MARTHA

A mon frère Henri Itiberé

Mlle. de Beauval, la folle et joyeuse Mlle. de Beauval, venait d'atteindre sa quinzième année. Souple, frêle, délicate, mignonne, une vraie fleur de serre, avec son visage pâle, presque transparent. Des yeux magnifiques, brillant d'une lueur mystérieuse.

Il y avait une lutte continue dans la lueur de ces yeux: tantôt, c'était des scintillations de vie ardente, de jouissance extrême, de vraie scintillations profanes, un incendie d'amour et de passion: tantôt, c'étaient des loueurs farouches, d'une religiosité sombre d'inquisiteur, des scintillations mystiques de prière et d'extase.

Néanmoins, à part le mystère des yeux, elle était naturelle, gaie, aimante. Avait pour les intimes de M. et Mme de Beauval de câlineries de petit enfant et se montrait aimable pour toutes les personnes des relations mondaines et passagères.

1 — Traduzida por Dario Velloso para o **Cenáculo**.

Or, ce jour-là, comme c'était son anniversaire, on avait ouvert les vieux salons poussiéreux et aristocratiques, de l'hôtel de Beauval. Les grandes salles, à l'aspect sévère, étaient splendidement illuminées, et la lumière, trop crue, semblait effaroucher dans leurs cadres d'ébenes les aïeux de la famille, ces vieux croises et chevaliers de Malte, qui regardaient de leurs yeux morts et fixes, sans comprendre, cette apothéose de clarté.

Mlle. de Beauval rayonnante dans sa robe de mousseline blanche à rubans bleus, presque une robe de pensionnaire, faisant les honneurs de la fête, très gaie, spirituelle même et surtout très folle.

Elle courrait d'un invité à l'autre avec une légèreté d'oiseau, les comblait de prévenances, les forçait à s'amuser, les faisait boire, manger, danser, rire, pleurer. . .

Et tout ce monde n'avait qu'une pensée; on l'adorait dans sa grâce frêle, de petite femme poussée vite, comme ces fleurs de serre dont elle était l'image.

Les jeunes hommes s'empressaient auprès d'elle, la complimentaient, l'admiraient, lui faisaient des déclarations brusques aux quelles elle répondait par un éclat de rire scintillant et moqueur. Elle ne pensait guère à ça.

L'amour était une chose vague pour elle. Cet être bizarre et fantastique ne la hantait pas. . . Elle était si enfant du res.

Le jeune duc de Chevreux lui faisait des aveux brûlants, lui racontait une passion à la coup de foudre, lorsque des applaudissements prolongés et bruyants, virent l'interrompre dans son élan amoureux et élégiaque.

C'était un poète à la chevelure flambante et anarchique qui venait de réciter avec des gestes tragiques la "CONSCIENCE" de Victor Hugo. On le félicitait. Les vieilles douairières le couvaient d'un regard protecteur et maternel.

— N'était-ce pas qu'il déclamait à merveille? Quelle ampleur de geste, quelle voix chaude et harmonieuse? C'était très bien, très distingué. . .

Le poète remerciait d'un mouvement automatique de la tête inondée dans un flot de cheveux rouges, en révolte.

Le duc le regarda d'un air de mépris; un scélérat qui venait le troubler dans l'expansion de son amour. . .

Mlle. de Beauval s'était enfuie, toujours radieuse, vers un gros

monsieur qui semblait ne pas s'amuser, blotti dans un coin, l'air stupide.

— Venez-vous prendre quelque chose, baron, — lui dit-elle avec un sourire enchanteur.

Le baron se décida. C'était un vieil ami de la famille. Ils s'en allèrent bras dessus bras dessous.

La danse avait repris avec entrain. On était arrivé au cotillon... Des voix réclamaient Mlle. de Beauval, la reine du cotillon. Elle laissa le baron au buffet noyant sa stupidité dans un verre de punch.

Son apparition dans le salon fut saluée de bravos frénétiques. Elle avait l'air d'une vraie petite reine de contes de fée, sous sa couronne de pierreries. Ses yeux surtout étaient beaux. Ils avaient la scintillation mystiques de la prière et le extase!

Comment expliquer en ce moment, dans la joie et l'insouciance du plaisir, l'attitude enjouée et légère du corps, cette antithèse du regard?!... Parce que c'était bien la scintillation mystique et non l'autre qu'il y avait dans ses yeux...

Pendant tout le cotillon Mlle. de Beauval se montra admirable de gentillesse et d'esprit. Ce fut un succès. La petite reine avait bien pris le coeur de ses vassaux.

Le bal termina très tard. Quand les derniers invités partirent le jour pénétrait par les rideaux, mêlant sa clarté naissante et pâle à la jaune et mourrante clarté des bougies et des lampes. Et Mlle de Beauval, debout sur le seuil du salon, dans sa blanche robe de mouseline, sa couronne de pierreries sur la tête, semblait l'aurore du jour, comme elle était l'aurore de la vie.

II

Dans sa chambre de jeune fille, tapissée de soie rose aux fleurettes d'or, Mlle de Beauval alluma la veilleuse de bronze florentin devant un crucifix caché dans la muraille par une draperie. Le Christ était martyrisé tordu dans les affres du désespoir et la mort. Sa tête de supplicé divin s'écroulait, chargée d'épines, sur sa poitrine tenaillée. Le regard étrange semblait anesthésié par la douleur. O! Christ torturé, était-ce l'inutilité de ton sacrifice, était-ce la vision future de ton trainé dans la boue de l'indifférence et l'oubli par les générations de la terre; était-ce ton oeuvre incomprise et devenue incompréhensible, qui faisait tes membres sanglants se tordre dans les convulsions de néant et de doute?...

Doucement, Mlle. de Beauval s'agenouilla, très doucement

Et ses yeux prirent cette lueur farouche, cet éclat extraordinaire, cette expression de mysticisme et de extase qui luttait contre l'autre expression, l'expression de vie, d'amour et de passion, la scintillation profane et païenne de ses yeux.

Elle ne se coucha pas cette nuit. Elle ne dormit point... Le jour radieux vint la trouver à genoux devant le Christ torturé.

III

Au Couvent du Sacré Couer la société mondaine, l'aristocratie desoeuvrée, allait assister, comme au spectacle un soir de première, à la prise de voile de Mlle. de Beauval.

Son père et sa mère désespérés refusèrent, leur consentement à ce suicide moral, résistèrent de toutes leurs forces à ce projet insensé de leur fille et unique heretière. Mlle. de Beauval se montra inébranlable et parvint, après des scènes affreuses, à arracher de ses parents le consentement nécessaire à la réalisation de ses rêves.

Et l'on venait, indifférent: quelques uns à peine la douleur dans l'âme et le coeur en deuil, (bien rares ceux-là), voir mourrir pour le monde Mlle. de Beauval, la jadis folle et joyeuse Mlle. de Beauval, devenue désormais pour le ciel et pour le Christ aux tortures: SOROR MARTHA.

(Cenáculo (1): 160-161, 1895)

DANS LA MORT! ²

À mon confrère Dario Vellozo

I

Aux sons d'une marche à l'harmonisation troublante, ayant quelque peu de souffrance dans les accords prolongés et dissonants, le cortège nupcial s'avança vers l'or de chasubles, étincelant, là bas, dans les lumières, comme un couchant de soleil au milieu des nuages d'encens, bleu comme des rêves et fuyants comme des chimères.

Le duc de la Ferrière épousait Mlle. Clotilde d'Hervelly. Tous deux très jeunes et beaux comme un couple de dieux recevaient la bénédiction du ciel des mains tremblantes et paternelles de l'Officiant, le vieux curé de la Madeleine.

Et comme de vrais amoureux, ivres de solitude et intimité, parlaient immédiatement pour leur château d'Eyguières, dans la Provence ensoleillée et poétique.

2 - Traduzido por Dario Velloso para o **Cenáculo**.

Six mois d'extase absolue, d'ivresse, suprême passèrent. Ils vivaient l'un pour l'autre dans un oubli superbe du monde et de toutes les choses.

Unis dans leurs caresses puissantes, ne faisant plus qu'un seul être, les lèvres sur les lèvres, ils étanchaient leur soif d'amour dans la coupe de leur bouches. Ils se grisaient de toutes les sensations divines et tout l'impossible de bonheur humain.

On les voyait, entrelacés, parcourir, en des tête à tête mystérieux les allées sombres du château, ne se parlant que des yeux, dans un langage muet, plein de rayonnements.

Et comme si toute cette tendresse énorme, cette vie ardente de volupté, fussent mortelles, un soir, dans ses bras, elle laissa tomber sa tête, si pâle, si pâlement belle, avec un si plaintif soupir et un regard tellement moillé d'invisibles pleurs et voilé de désespoir qu'il en trembla...

Il la prit sur sa poitrine, comme s'il voulait l'enfuir dans son coeur. Approcha sa bouche du visage adoré, un visage d'ivoire, impassible, avec des yeux grands ouverts et vagues.

Il l'appela longtemps d'un remuement nerveux des lèvres d'où ne s'échappait aucun son.

Le silence...

Il palpa son coeur. Plus rien!

L'immobilité...

D'un mouvement fou il la prit et l'emporta vers le lit. Ses doigts tremblants défirent le corsage de soie et de dentelles et sur la blancheur de la poitrine à nu il appuya sa tête anxieuse...

L'immobilité, toujours! La mort...

Elle était morte dans un baiser et s'était envolée sur l'aile de son rêve d'amour vers l'invisibilité et le mystère.

On embauma le corps de la duchesse de la Ferrière.

Elle dort maintenant de l'éternel sommeil, vêtue de sa blanche robe de fiancée en vieux point d'Alençon, la couronne ducale en perles sur le front, couchée doucement sur de la soie neigeuse et des coussins brodés d'or, dans le caveau de marbre, monumental, du château d'Eyguières.

Elle dort véritablement d'un sommeil mystérieux, et sa bouche de volupté, teinte de nopal, fleurit dans un sourire amoureux, comme une fleur de pourpre sur neige.

Véritablement elle vif, la duchesse, d'une vie sans mouvement et sans paroles, d'une vie nouvelle parmi la froideur des marbres et l'immobilité des choses. . .

Et, lui, son époux, subitement vieilli dans la douleur sans nom de sa perte et le coeur jeune toujours cependant de toute la fougue de leurs amours, continue de l'adorer, assis auprès d'elle dans le caveau silencieux.

Par les nuits claires et embaumées, il la prend dans ses bras et quittant le lit de soie neigeuse et les coussins brodés d'or, il la promène dans les allés sombres du château, serrée sur son coeur dans une étreinte folle de passion.

Et les blancs rayons de lune tombant sur le visage pâle de la morte lui prêtent une vie surnaturelle, une vie de convalescent échappée d'une douloureuse maladie.

Et ils ont entre eux deux entretiens muets, de longues conversations sans paroles, dans un langage de mystère et d'illusion.

Assis sur le banc rustique de bois, au fond de l'allée touffue et dorée de clair de lune, le duc la tient, immobile, sur ses genoux, ainsi qu'une pâle statue de chair, une épouse rêveuse à jamais, plongée dans une infinie extase, dans un enchantement irrémédiable.

Tendrement il la berce comme une frêle enfant malade et la voyant éternellement endormie en sa robe blanche de mariée, il rêve, tout en la contemplant d'un regard noyé de tristesses mornes.

Oh! l'exil de leurs âmes. . . Où peut bien être l'âme de Clotilde? Dans quelle région de l'espace éblouissant ou ténébreux?

Le froid de la nuit les faisait rentrer dans le caveau.

De nouveau étendue sur son lit de soie neigeuse et sur ses coussins brodés d'or, la duchesse sommeillait.

I V

Toutes les lampes allumées jetaient une clarté vive sur la morte.

Le duc, debout, la regardait.

La chevelure de Clotilde, une royale chevelure d'ébène déroulée comme un sombre manteau, tranchait sur la blancheur et l'or du lit.

La couronne de perles entourait sa tête ovale et gracieuse et la coiffait comme une reine des ballades antiques.

Les paupières fermées mettaient une ombre sur la pâleur du visage et les lèvres seules, teintes de nopal, brillaient comme une fleur étrange et sanglant. Un vague sourire animait sa bouche. Sa belle poitrine d'amoureuse semblait se soulever par instants parmi le flot de dentelles du corsage. C'était une illusion de vie sans doute.

Le duc déjà plusieurs fois s'y était trompé.

Mais non, voilà qu'elle lui tend les bras, ses yeux se rallument, sa bouche sourit.

Elle se dresse lentement et l'attirant vers elle l'entraîne sur le lit de soie neigeuse...

Il s'y étend à ses côtés. Serrées dans une suprême étreinte, ils demeurent unis dans l'immobilité dernière par leur extraordinaire amour et leur passion mortelle!

(Cenáculo (I): 193-195, 1895)

PIERROT MODERNE

Au groupe vaillant des batailleurs de L'Art, à Dario Vellozo, Silveira Netto, Julio Pernetta et Antonio Braga, un confrère étranger de langage mais compatriote de cœur dédie ce "Pierrot Moderne" cette fantaisie brodée sur le type légendaire de l'éternel Pierrot amant de la Lune et de toutes les ardeurs neigeuses. À mes compagnons d'Idéal, aux voyageurs, qui, comme moi parcourent le pays chimérique des rêves, ce Pierrot modernisé.

De toute la blancheur légendaire, flottante, clair-de-lunée, qui le drapait comme un rêve neigeux, il ne garde plus qu'un sévère habit blanc, à boutons d'or. La cravate, soigneusement nouée sur le haut col bien brillant, la chemise brodée artistiquement, le gilet de même. La coulotte en soie noire, les bas en soie noire, le chapeau haute — forme en soie noire, les petits souliers vernis, gants gris-perle, le monocle à l'oeil impertinent grouilleur. Le voilà enfin, le Pierrot Moderne, correcte de sa personne, parfumé à la peau d'Espagne, soucieux de ses gestes et de ses paroles.

La visage blanc toujours comme sa innocence antique à jamais évanouie. Il porte la moustache, Pierrot Moderne, une moustache ébouriflée, très fine et brune, chatouillant dans les baisers savants les visages, non plus des Colombines naïves et amoureuses, mais des marquises et des duchesses authentiques et spirituelles.

C'est un Pierrot mondain, Pierrot transformé, ne se baignant plus dans les cascades d'argent des rayons de lune, auprès des étangs immobiles, vêtus de plantes bizarres et inodores: courant par les prés d'émeraude, semés de marguerittes d'ivoire, des bluets en lapis-lazuli, de coquelicots saignants comme des blessures d'amour; non, ce n'est pas ce vieux Pierrot, soupirant des serenades caressantes, larmoyantes d'aveux, pleines de trouble. C'est Pierrot mondain, Pierrot transformé s'épanouissant au sein de la blonde lumière des boudoirs mystérieux, admis au culte raffiné de l'amour aristocratique.

Dans le merveilleux petit salon de la duchesse de Rosy, Pierrot corret de monocle.

La duchesse déshabillée, en tulle transparente, couleur d'aurore, un chemisette aux plis gracieusement en désordre.

La duchesse: Comment me trouves — vous, Pierrot? Suis-je à ton goût?

Pierrot Moderne: Délicieuse, duchesse, une vraie nymphe de mythologie, (rajustant le monocle) en plus cette fossette adorable, que vous avez au menton, et que, certes, aucune nymphe ne possède. L'avez-vous toujours eue cette divine fossette?

La duchesse: Oh! non, ça été ton premier baiser qui me la fait naître à cette place...

Pierrot Moderne: Comme vous êtes flatteuse, duchesse. Je n'ai pas ce pouvoir...

La duchesse: Mais oui, que je vous dis. En veux tu voir une autre.

Et relevant d'un geste charmant et audacieux la chemisette, de tulle la duchesse mit le doigt sur un point quelconque de la rondeur ivoirine de son ventre...

Pierrot Y colla un baiser gourmand.

Pierrot Moderne: Cependant, je ne vois pas de fossette là?

La duchesse: Bête! ce n'est plus ton premier baiser. Le charme est rompu. Il le serait à moins. Nous nous sommes déjà possédés.

Pierrot Moderne! (d'un air Don-Juanesque): Il est vrai. Et je voudrais vous priver de toutes les fossettes passées et à venir à ce prix là.

La duchesse (feignant la colère): Méchant!...

Pierrot Moderne: Oh! ne vous fâchez pas, ma belle, cela prouve seulement...

On frappe violemment à la porte.

La duchesse: Mon dieu, c'est le duc! (regardant Pierrot éffaré)
Cachez vous ici, dans le bahut, et ne remuez pas surtout, on vous découvrirait.

Pierrot Moderne: (avec un soupir): Merci, duchesse.

Madame de Rosy alla ouvrir à son mari.

Le duc (impatient): Il me semble que vous m'avez assez fait attendre, Madame.

La duchesse (froissée du ton): Il me semble, Monsieur, que je ne suis pas votre servante pour me dépêcher à courir à vos ordres.

J'étais couchée, du reste, et j'ai eu trop de bonté de vous faire entrer chez moi.

Le duc (radouci): Pardonne, chérie. C'est que, vois-tu, j'ai reçu une lettre... anonyme, qui... enfin, cela ne vaut pas la peine.

La duchesse (ironique): Vous veniez vous assurer alors... avec cette violence, c'est très aimable à vous, Monsieur le duc, je vous en suis très reconnaissant, ma foi, du procédé.

Le duc (tendre): Encore une fois, pardonne, chérie et ne parlons plus de ces vilénies. Mais, sais tu que c'est très gentil ton boudoir. (Regardant le bahut) Il n'y a que ce bahut qui détonne, il est trop vieux et sans style.

La duchesse (très calme): Il est laid, j'en conviens, mais j'y tiens beaucoup.

Le duc (avec curiosité): Et qu'est-ce que tu gardes là-dedans?

La duchesse (avec aplomb): Oh! de la musique, tout simplement.

Le duc: Eh! bien, tu mettras ta musique ailleurs, il est vraiment trop laid ce bahut. Je vais le faire transporter au grenier. (Appellant): Jacques!... Antoine!...

La duchesse (très froide): Fais comme tu voudras.

Pierrot Moderne (dans le bahut) avec ses boutons d'or. Je suis mort!... parbleu, on me va découvrir... Ces valets... Oh! Colombine!...

Le duc (conciliant): Mais... si tu y tiens tant que cela...

La duchesse (un peu colère): Il me semble que je te l'ai déjà dit.

Le duc (aux domestiques qui viennent): C'est inutile. Vous pouvez vous en aller. je n'ai y plus besoin de vous. (Regardant la duchesse). Tu as la migraine? Tu es pâle...

La duchesse: Oui, j'ai un peu de névralgie je vais me coucher.

Le duc (lui baisant la main): Alors, bonsoir.

La duchesse (tendre): Bonsoir, cher.

A peine le duc est-il descendu elle court à la porte et la ferme à double tour.

Pierrot Moderne (sortant du bahut avec lenteur): Ah! bigre, duchesse, vous m'en faites des bonnes. Alors vous consentiez que l'on emporta le bahut au grénier?!...

La duchesse (riant): Ne vois-tu pas que c'était le seul moyen de mettre fin à l'entêtement du duc, et comme ça bien réussi?

Pierrot Moderne (pas tout à fait d'accord): Mais, c'est égal!...

La duchesse (très caressant): Allons, viens, bébéte... Oh! les hommes!...

Et ce fut une nuit blanche de sommeil mais pleine d'amour, dans le merveilleux petit salon...

Mais, en sortant, vers le matin, Pierrot Moderne regrettait ses vieilles sérénades caressantes et simples, ses sérénades à Colombine, avec accompagnement quelquefois de quelque coups de bâton où Crispin s'exerçait les poignets pour le compte de Cassandre, le vieil avare son rival: mais, après tout, on finissait par s'arranger. Souvenirs du bon vieux temps! pourquoi me poursuivez-vous? se disait Pierrot Moderne. Qu'y faire?

Le monde marche et avec lui notre irremédiable sort.

Pierrot est mort! Vive Pierrot Moderne!!...

(Cenáculo (1): 243-6, 1895)

HALLUCINATION

I

Il se sentait tellement triste, le pauvre Bernard Chapron, qu'il croyait en mourrir. Le spleen, féroce et bizarre, l'avait subitement foudroyé dans sa chaise, devant sa table de travail, couverte de photographies d'amis et de parents.

Il couvait depuis longtemps une idée superbe pour un roman à sensation et s'étant mis à l'oeuvre il se trouvait incapable de coucher une ligne sur le papier. Il avait des boudonnements dans la tête. Tous ses membres pesaient comme du plomb. Une tristesse morne l'envahissait. Des regrets cuisants de je ne sais quelle part imaginaires, d'effreux remords d'un crime chimérique, et autant d'idées baroques et saugrenues, le hantaient.

— Vraiment, je suis malade, se dit le pauvre Bernard anxieux.

Il essaya de se lever mais une force invisible le cloua au fauteuil. Il fit d'inutiles efforts pour se délivrer. On semblait le retenir, se suspendre aux basques de son habit. C'était intolérable, ce supplice.

Et voilà que tout à coup les portraits de ses parents et amis se mettent à rire, ouvrant des bouches larges sur les cartons photographiques, les yeux pleins de malice, s'amusant évidemment de son état désespéré, de son impuissance à quitter le fauteuil fantastique.

A coups de poing formidables il les renversa tous sur la table et de ses doigts crispés il essaya de leur clore la bouche. Et tandis que de deux à deux il leur déchirait le visage, s'acharnant à la besogne vengeresse, les autres portraits encore intacts se mettaient à pleurer des larmes rouges, abondantes comme une pluie d'été.

Oh! la affreuse chose! Sa colère tomba du coup et la peur l'envahit, le posséda tout entier, le domina.

Il resta immobile, le regard fixe et fou sur le sanglant ruissellement des larmes. Mais brusquement le rire reparut, énorme, ironique, outrageant. Les mâchoires se fendaient dans une gaité furieuse et animale ouvrant des trous noirs sur les visages pâles.

Bernard maintenant regardait stupéfait, abruti, sans colère. Il fit un mouvement pour se lever, pour fuir. Ah! le fauteuil le lâchait... Il était donc libre? Il courut avidement vers la fenêtre et l'ouvrit, toute grande... L'air du matin, doux et caressant, le frôla. Il respira longuement, très longuement, comme qui vient de sortir des profondeurs d'un gouffre asphyxiant.

Que c'était bon l'air matinal, chargé des parfums... Du parfum! oui, vraiment, il en vient du dehors. La chambre en est toute saturée... Mais, c'est étrange, ce n'est plus de l'air qui entre par la fenêtre, ce sont des ondes de musc, d'héliotrope, du cuir de Russie, de peau d'Espagne, tous les parfums connus et inconnus qui se précipitent chez lui comme un coup de simoun!

L'atmosphère devient irrespirable, lourde, écrasante. Bernard se précipite sur la fenêtre et, violemment la ferme. Puis, sans force, l'halaine sifflante, se laisse choir sur le divan le plus proche.

Oh! mon Dieux, que je souffre! Il s'est couché tout de long, la enfouie dans les coussins de vieille soie, et il pleure comme un enfant avec des sanglots, son horrible détresse.

Mais voilà que les chaises, les fauteuils, les divans, les tables, les armoires, se mettent à jouer avec des sons aigres, grandants, aigüs, ranques, les fanfares les plus endiablées, une chevauchée des Walkyries effrayante, assourdissant ses oreilles d'un tapage infernal.

Et le pauvre Chapron les deux mains sur la tête s' imagine que son cerveau va éclater. Il le voit déjà, en bouillie, repandu sur le tapis. Il se baisse même pour le regarder et ne trouve que la graisse, une graisse jaunâtre et épaisse, d'une odeur désagréable. . .

Un long frisson d'épouvante lui secoue tout le corps. . . Il avait donc de la graisse dans le crâne au lieu de la cervelle?

Hébété, ahuri, désespéré, tremblant de peur à cette découverte, il n'ose plus se bouger, tout à la désolation de cette trouvaille.

Et quoi, il était un phénomène alors, un être hybride, un sujet à disséction. Il se voyait étendu sur la table de marbre des amphithéâtres d'anatomie, entouré de médecins à l'air grave, perplexes, le scalpel à la main. . .

II

Monsieur; monsieur! il est déjà presque huit heures, le dîner est servi. Vous avez trop dormi.

Le domestique en l'appelant venait de le rendre à la réalité.

Mais avait-il dormi! Non, certes, il n'avait pas dormi et dans son faux éveil il sentait encore toute l'horreur de son hallucination, car ce ne pouvait être autre chose. Oh! les terribles moments d'angoisse qu'il venait de passer!

Et en se mettant à table il songeait:

— Mais la voilà, toute trouvée, la scène à la sensation pour mon roman. . . Oui, c'est cela, le héros passera une journée d'hallucination ainsi. . . C'est du nouveau, parbleu!

Et Bernard Chapron se sentant dispos, à l'idée de son succès futur, attaqua vaillamment une sole au gratin, son plat favori.

(Cenáculo (3): 79-81, 1896)

LES "ESQUIFES"

Tout d'abord ces "Esquifes" ne contiennent nullement des cadavres, ils enserrent des rêves, des fugitives illusions, empreintes d'une philosophie de doute, très mélancolique, un peu fugitive et vague; et bien plus, comme l'indique le mot français, — Esquif — ce sont plutôt des barques légères qui voguent sur l'océan sans bornes de l'idéal.

Il faut classer Dario Velloso parmi les torturés de la phrase, parmi les magiciens des mots, des alchimistes du style.

Du style, oui, il l'a, très pur, malgré la recherche des mots, malgré le travail de miniature de la phrase. On y sent aussi bien que l'étude, l'inspiration vraie, sans spontanéité des improvisateurs des paroles vaines cependant, il travaille selon la formule de l'art scientifique. Si la phrase jaillit claire, nette, hereuse, elle est bonne: du contraire on la polit, on y retranche, on y ajoute, on lime ce métal où se gravent les pensées et les sensations. En dernière analyse, quant au style c'est un orfèvre capable de toutes les beautés et aussi de toutes les étrangetés.

Sur le même vase où se trouvent correctement oculptés des corps et des figures d'une irréprochable pureté de lignes et d'expression, il y a des montres inquiétants et barbaresques mais où l'on sent malgré tout la main de l'artiste qui les pétrit, peut être pour manifester l'incompréhensible de certaines, idées par trop fuyantes et que les mots sont incapables d'exprimer et même d'y atteindre, fusse imparfaitement.

J'apporte toute ma rude franchise en matière de critique pour caractériser, dans son vrai jour, l'auteur des "Esquifes".

A côté d'images les mieux réussis, frappantes par la beauté analogique ou par la mystérieuse affinité, quelques unes d'un vague troublant, fuyantes comme une éclaircie subite, une échancrure opaline sur un ciel de ténèbres.

Ce n'est pas un conteur, dans la vraie acception du mot que Dario Vellozo. C'est toujours le poète qui domine chez lui; il écrit presque toujours en prose comme il écrirait en vers. Ses phrases sont plutôt rythmées que courantes; elles ont l'ampleur de la poésie et non pas l'élasticité de la prose.

Mais, dira-t-on, c'est un défaut cela! Et pourquoi sera-ce un défaut si c'est la manière personnelle de voir, si c'est son originalité et, après tout, qui s'en plaindrait si la lecture en est agréable et savoureuse ainsi qu'un fruit inconnu de lointains pays?

Partant, ces montes ou ces poèmes — au choix — imprégnés d'une philosophie tant soit peu fataliste, d'un peu de doute aussi, d'une où il y a des pages d'ingenuité et d'innocence, des pages mélancolique simplicité de sentiments à côté de pages farouches, pleines de tortures et de nihilisme intransigeant, nous donnent une impression forte, montrent l'artiste consciencieux, l'écrivain imbu de principes rigoureux puisés dans l'étude approfondie et non pas superficielle des sciences naturelles et philosophiques, le poète à l'envergure puissante, au vers irréprochables de forme, à la philosophie transcendante qui se révèle dans "l'Âme Pénitente", uns poème inédit.

Ses "Esquifes" ne voguent pas toujours sur les océans d'azur, au tranquilles ondes à peine moutonnantes, comme dans "Miragens" — "Estrêlas Duplas" — "Madrigais" — "O Atalho" — "Dedicação" —; ils voguent aussi sur les océans en revolte, aux tragiques ondes dévoratrices, comme dans — "O Retrato" — "Satanica" — "Sonho de um Espectro" — "Nihil"; ce qui prouve que l'Esquif est solide et affronte avec hardiesse n'importe quelle mer, celle de saphir ou celle de ténèbres.

Curitiba, 8-10-96.

(Cenáculo (3): 121-2, 1896)

LE DADA...

Mme Randeau, la femme du vieux capitaine Randeau, se trouvait dans toute sa rayonnante maturité de brune méridionale, hâlée par le vigoureux soleil du pays, Béziers. Dans sa grâce nonchalante, pleine de sous-entendus, elle reposait en ce moment dans son petit boudoir, capricieusement orné ayant un peut le goût du clinquant, des objets de bazar, mais après tout très gentil et bien rempli de son charme exquis de personne mûre pour toutes les joies et toutes les séductions de l'amour expérimenté.

On voyait à l'irritation de ses yeux noirs, à l'inattention qu'elle donnait à tous ces actes, que quelque chose la contrariait aux regards furtifs qu'elle dirigeait sur la porte, aux lourdes draperies, on pouvait deviner qu'elle attendait quelqu'un et que ce quelqu'un se faisait attendre.

Après avoir ouvert un volume elle le rejeta presque aussitôt; prit un journal, le parcourut distraite en regardant toujours la portière où ne se montrait pas encore l'être si ardemment désiré.

D'un bond elle se leva, impatientée déjà du retard, lorsque soudainement apparut à la porte, sans le moindre bruit, comme une appa-

rition de théâtre, le blond petit Chévert, un avorton comique, infirme, l'air d'un insecte écrasé par la patte puissante d'un animal préhistorique.

Mme Randeau lui sauta au cou avec de maternelles caresses, faisant ployer sous le poids de sa tendresse triomphante le corps frêle, difforme, de son Dada, comme elle le nommait dans leur intimité.

Ce Chévert était un petit jeune homme gâteux, ayant toutes les maladies dans son corps d'avorton: détraqué d'esprit, excessivement blasé de la vie qu'il n'était jamais arrivé à comprendre étant né aussi infirme et impotente qu'un veillard.

Et c'était là la passion terrible de Mme Randeau, l'être sans lequel elle ne pouvait pas vivre deux jours, son Dada chéri et choyé.

— Pourquoi t'es — tu fais attendre si longtemps, mom mignon aimé?

— Oh! tu sais que tu m'ennuies toujours avec tes demandes, tu es embêtante à la fin ma chère...

Telle fut la réponse sèche, cinglante, que le morveux laissa dédaigneusement tomber de ses lèvres amincies et décolorées.

Mme. Randeau baissa la tête timidement et embrassa une autre fois sur les yeux de Dada. Toute son impatience s'était accalmée devant la boutade de l'avorton.

Et lui comme une parodie de sultan, s'étira de tout son long sur le divan de soie rose, prenant possession en maître et seigneur de ce boudoir de femme.

Heureusement ou malheureusement le capitaine anonymement prévenu ce jour là arrivait à temps pour surprendre cet amour grotesque de samoitié et laissa le petit Chévert, le Dada à sa femme, plus insecte et plus mutilé qu'il ne l'était.

Il eût encore la suprême indulgence de laisser vivre ce simulacre d'homme pour lui faire apprécier au moins les fortes sensations de quelquer coups de bâton.

Le croiriez-vous, Mme Randeau en est devenue presque folle. Depuis lors elle en veut à son mari à mort.

Et comme le Dada n'est pas décédé et se porte même un peu mieux depuis la bastonnade, elle continue de le voir avec la sollicitude d'amante et de mère qu'elle lui porte. Toute sa tendresse de femme mûre et savoureuse se porte vers cet avorton humain, qu'elle

entoure de toutes les prévenances et de toutes les câlineries de son sexe.

Cependant elle ne le reçoit plus chez elle, dans son boudoir parfumé. Ils se voient dans une chambre garnie de quatrième, dont elle même paie pour le loyer ponctuellement, son Dada n'ayant pas le sou et dépesant le peu qu'il possède en médecins et en pharmacie, éternellement en proie à ses mille maladies.

II

Ce quatrième étage était très triste et très nu. Quelques fauteuils dépareillés ouvraient lamentablement leurs bras disjointes et c'étaient, eux aussi, comme des infirmes qui attendraient le coup de grâce du sort.

Mme Randeau seule apportait un peu de vie au milieu de ces misères.

Elle arriva ce jour là toute ébouriffée, vêtue à la hâte, pâle d'émotion et l'haleine sifflante sous le poids de la colère et de la peur...

Le capitaine instruit de leurs nouveaux rendez-vous l'avait menacée dans la personne de son Dada. Elle s'était enfuie en courant le prévenir de ce nouveau danger. Son visage respirait une étrange beauté sous le feu de l'indignation, les yeux allumés comme des diamants.

Lui Chévert, il restait tranquillement assis, dans son indifférence de blasé et d'idiot, n'ayant pas eu même un regard pour cette splendide femme qui l'idolâtrait et qui se mourait de le savoir en péril...

— Mais va t'en donc, cria-t-elle à la fin, terrifiée de le voir aussi paisible, mon mari peut arriver d'un moment à l'autre.

— Bah! J'aime autant en finir, grogna-t-il subitement, tu m'embêtes assez avec ton amour...

Mme Randeau éclata en sanglots, le supplia à genoux de partir pour échapper au capitaine, mais tout fut vain. Il resta inébranlable et dur, lui jetant des injures à la face et d'un geste grotesque de son bras desséché lui montra la porte.

A cette vue la folie du désespoir la prit, elle se cramponna de toutes ses forces au jeune homme, voulant l'arracher malgré lui de la chambre, le conduire, le cacher n'importe où, mais loin, très loin... Il se raidit et d'un effort suprême la repoussa brutalement.

Alors défigurée, livide, elle se précipita vers la fenêtre, l'ouvrit toute grande, et l'empoignant à bras le corps avec une force incroyable, sans qu'il put se défendre, son pauvre corps d'infirme pris dans cet étau vivant, elle l'entraîna et d'un saut ils se ruèrent dans le vide...

Lorsque les passants les ramassèrent, Chévert vivait encore et survécut à la chute, mais plus mutilé et plus difforme que jamais, hideux.

Il avait les jambes cassées.

Mme Randeau était morte sur le coup et son corps ne formait qu'une bouillie affreuse. On n'a pas pu la reconnaître dans cet état. Le capitaine qui la croit partie avec Chévert s'en console facilement avec une grisotte du voisinage qu'il trouve adorable. Elle est si blonde et si frêle... et c'est neuf au moins!

(Cenáculo (3): 149-151, 1896)

EKHIDNA

Rousse, mais d'une rousseur tragique, un flamboiement d'incendie sur son visage mâle, aux traits forts, superbement accentués, comme ceux d'un fauve: la lèvre grosse et rouge formant une bouche d'une sensualité animale; des yeux de ténèbres, meurtris; un corps d'une souplesse et d'une force extraordinaire, un corps de Vénus impudique: telle était Berthe Crochard.

Née dans le Morbihan, à Vennes, d'une famille de robustes cultivateurs, on ne sait par quel coup de folie cette fille de paysans s'engouffra dans la débauche parisienne et tout aussitôt se fit une renommée étrange par trois morts successives en un mois de deux étudiants: Paul Lorrain, Adrien Girard, et du vieux docteur Berdel, qui avaient été ses amants simultanément.

Depuis lors on ne la connut plus que sous le nom d'Ekhidna, nom, dont la baptisa le poète Emile Claudien, ce grand détraqué, imbu de décadisme et toujours mythologique.

En effet, d'Ekhidna elle avait le charme dévorateur puis elle fascinait en tuant et que ceux que s'approchaient d'elle ou bien devenaient fous, vides jusqu'à la moëlle, rendus de vrais cadavres ambulants: ou bien expiraient dans ses bras puissants, sur sa poitrine dévoratrice comme un enlèvement de chair.

Emile Claudien lui ayant demandé un jour si elle n'avait pas peur quand cela lui arrivait, elle eût cette réponse audacieuse:

— Moi, peur de quoi? c'est pas moi que les tue, pas vraie; et puis j'y suis habituée!...

Le poète malgré tout son décadisme, en frissonna de la tête aux pieds.

Cette femme était monstrueuse dans son innocence ou d'un révoltant cynisme.

A la suite de cet entretien avec Berthe Crochard, comme Emile Claudien en causait dans un cercle d'amis, joissant de l'ahurissement général, il se trouva qu'un collosse d'Auvergnat l'entendit et s'écria:

— Je vais voir, moi, si elle me claquell!...

Et au milieu de l'explosion de rire que suscita la phrase, il s'engagea aussitôt des paris pour et contre, comme s'il s'agirait d'un match de purs sang.

II

Berthe Crochard, dite Ekhidna, habitait Boulevard St. Michel un petit appartement sombre et mystérieux, ainsi que sa vie; denué de tout luxe, à peine confortable, meuble d'occasion de quelques sièges disparates et d'un vieux lit à colonnes tordues que aurait dû être beau jadis, mais qui était sale et abimé.

Trop tôt et si mal connue dans le libertinage elle n'était pas encore arrivée à l'aisance de l'entretenu, ce rêve de toute fille bourgeoise, qui n'est pas le sien cependant. Elle avait d plus hautes ambitions, cette paysanne du Morbihan: des rêves de grand luxe et de pouvoir.

Son appartement était si fortement parfumé qu'il régnait une atmosphère lourde de griserie. Cette odeur vous empognait à la gorge, vous donnait des convulsions de toux, s'emparait de vous, vous torturait d'abord, puis vous jetait dans un état d'enivrement très doux, presque de lassitude. C'était le nirvâna que l'air de cette chambre de fille...

Berthe dans son boudoir, se regardait devant une psyché d'acajou, cadeau du défunt docteur Berdel. Revêtue à peine d'une chemisette de tulle, laissant presque à nu toute sa forte beauté de paysanne vannetaise, aux hanches puissantes comme une croupe de bête normande, le ventre poli et ferme comme un marbre, les seins roides et pleins, comme une source de vie, ou plutôt, comme une étrange fleur exotique au suc mortel, et ses cheveux rouges, ses cheveux aux

flamboiements d'incendie, se tordant sur son épaule comme une traînée de feu, elle devait ressembler certes Ekhidna, la terrible nymphe dévoratrice d'hommes.

Avec insouciance elle souriait à la glace, montrant des carna-sières dents blanches dans l'encadrement pourpre et voluptueux de ses lèvres. Il y avait une grâce d'abandon et de concupiscence extrêmes dans son attitude. On se demandait par quel atavisme implacable cette fille paysannement élevée à Vannes se révélait l'hetaire de la débauche la plus crapuleuse. . .

Des coups légèrement frappés à la porte, comme si le visiteur eut peur de la sonnerie électrique, la firent se retourner. Elle jeta un châte sur son épaule et courut ouvrir.

III

Dans l'entre-baillement de la porte apparut la figure béate et colossale de l'Auvergnat.

Emile Claudien lui avait donné l'adresse de Berthe Crochard.

Il se balançait devant l'apparition subite de Berthe avec un dandinement gauche, ne sachant quoi dire maintenant qu'il se trouvait en présence de cette femme superbe, à moitié nue.

Elle l'examina rapidement. Sa puissante musculature de portefaix lui donna un frisson:

— En bien! est-ce que vous entrez?

Il avait cru qu'elle le refuserait, le voyant si rustre, malgré les dépenses de toilette qu'il avait faite. L'offre si brusque de tout ce corps, si beau, car il voyait, malgré sa grossièreté de paysan il devenait plutôt, que ce corps allait se donner à lui et ça l'étonnait, ainsi, sans plus d'hésitation. Il pénétra dans l'appartement l'air gêné, craintif.

Cette brute enorme, ce colosse était timoré comme un collegien en première escapade.

Le parfum troublant dont était saturée la chambre l'étourdit un peu. Il éternua plusieurs fois de suite, la tête enfuie dans un grand mouchoir rouge, troué par places:

— Il manque d'air ici, Mam'zelle, osa-t-il dire, très bas.

Ella sourit, mais n'ouvrit point la fenêtre.

L'auvergnat, déjà plus à l'aise par ce sourire, se permit de prendre un fauteuil.

Berthe rejeta son châle et continua, dans sa nudité excitante à se regarder dans la psyché d'acajou.

De ses grandes mains, un peu rouges, elle prit la masse de ses cheveux roux et les fixa d'une épingle sur le sommet de la tête. Puis, se retournant:

— Suis-je jolie comme ça?

— Pardi, que je crois, fit l'auvergnat. Et il l'enlaça dans ses bras d'hercule, habitués aux fardeaux journaliers.

— Quand que nous couchons, dit-il enhardi, devenu bestial à l'ordeal de la femme, à l'attouchement de ce corps robuste et aphrodisiaque.

Ella ne répondit pas. Son regard seul brillait de désir et sa bouche humide et rouge s'offrait comme une coupe de volupté.

Il l'entraîna vers le lit à colonnes tordues que gémit sous le poids de leurs deux corps entrelacés...

IV

Vers les trois heures du matin, les rares passants qu'allaient B. ard St. Michel, recontrèrent sur le trottoir le corps d'un homme qui semblait ivre-mort.

La respiration courte et sifflante donnait peu d'espoir de le sauver. Il fallut demander du secours pour transporter à la plus proche pharmacie le malheureux, dont le corps colossal pesait beaucoup.

Emile Claudien, vagabond et noctambule, sortant de quelque saturnale de grisettes, eût la curiosité, rare en lui, ce blasé, de s'approcher du groupe qui s'était formé devant la pharmacie.

On causait de cet homme trouvé ivre-mort sur le pavé... Oh! ces ivrognes!...

Il connaissait le pharmacien et entra.

Le colosse avait ouvert les yeux mais il agonisait. Claudien reconnut tout de suite l'auvergnat... Celui-ci sembla également le reconnaître et l'appela même d'un geste, avec un effort suprême.

Quand le poète se fut approché:

— Ah! monsieur, c'est l'enfer du plaisir que cette femme... murmura-t-il de sa voix éteinte... Elle m'a claqué, tout de même...

Et comme s'il eut ramassé toutes ses forces vitales pour dire ces mots, sublimes dans la bouche d'un rustre, il mourut. . .

Et Claudien, malgré tout son décadisme, ne put pas se faire une idée de cet "enfer du plaisir" qui tuait des auvergnats.

Il trouva plus simple d'en frissonner seulement comme l'enfant à qui la vieille grand-mère raconte, par les soirées d'hiver, pour le faire endormir plus vite, les éternelles histoires de l'Ogre et e Barbe-Bleu.

(Cenáculo (3): 183-6, 1896)

A GUERRA DA CRIMÉA

a meu velho e excelente amigo
maior Bento de Menezes.

I

Morava o Zeferino, um velhote pansudo e de olhos esbugalhados, no caminho de Morretes à Paranaguá, isto nos belos tempos da deligência.

Muito hospitaleiro, o bom do velho, era a sua casa o ponto quase obrigado do pouso, e os viajantes, que aí pernoitavam geralmente, apreciavam bastante o modo franco e cortês por que os tratava o nosso Anfitrião.

Casarão de dimensões agigantadas, a vivenda do Zeferino. A vestustez que se lhe via impressa nas paredes negras e poerentas, dava-lhe um cunho de tranquilidade, de vida patriarcal, mansa, própria para despertar meditações e sonhos de outrora, leves como a fumaça que se escapa da fogueira dos serões de inverno.

A esquerda, em um plano bastante alto, se achavam os quartos reservados para os hóspedes, os quais não tinham saída direta para o terreiro e comunicavam apenas com um corredor que ia ter à sala comum.

Ora, dirão, eis uma singular disposição para quartos de hóspedes!

Na verdade! porém eu lhes digo porque. . .

O Zeferino, aliás um perfeito homem de bem, era ciumento em excesso de umas mulatinhas e mucamas que êle considerava, e com razão, como propriedade exclusiva, as quais, diziam as más línguas, eram bem bonitas! Que mal há em ser bonita uma mulher?

Ao cair da tarde.

Estava o fazendeiro no pátio, distribuindo a ração quotidiana de milho a uns capados de peso extraordinário que se balançavam na sua banha preciosa, satisfeitos da vida, quando um — Oh! Zeferino! familiar, o distrai de sua tarefa, com grande descontentamento dos suínos que protestaram enèrgicamente contra a distração.

Eram o Bernardo e o Anselmo, dois amigos velhos de Curitiba, que chegavam em suas cavalgadas, cabisbaixos e suarentos, da longa jornada.

Após as efusões naturais, entre amigos sinceros que se encontraram depois de longa ausência, o Zeferino fê-los entrar para a sala comum, onde lauta comesaina não se fez esperar. A fartura das fazendolas prósperas, cujo proprietário é amigo do seu estômago.

la correndo banal a conversa, em perguntas sôbre o estado mútuo das saúdes e sôbre a felicidade de se tornarem a ver, quando o velho Zeferino dando um pulo, como impellido por uma máquina possante, pergunta à queima roupa:

— Já ouviram falar na Guerra da Criméia? Os hóspedes, meio atônitos, ante tão intempestiva interrogação, se olhavam de esguelha, querendo decifrar. . .

Porém o Zeferino, sem dar tempo a maiores investigações, prosseguia:

— Pois, meus caros, a Guerra da Crimea é talvez uma coisa extraordinária. Isso é que foi guerra. . . e o mais é história. . . Eu tenho lá no quarto a descrição.

É feita pela “Gazeta de Notícias”. Vocês hão de ver. Vocês hão de ver. . .

E o bom do Zeferino a dar-lhes com a Guerra da Criméia já se preparava para ir em busca do jornal, quando notou no semblante de seus amigos o cansaço, a soneira que vence o organismo após as longas jornadas à cavalo, que pediam tréguas à Guerra da Criméia e só desejavam naquele momento uma boa cama e o melhor dos sonos!

— Está bom, concedeu, êle por fim, vocês estão cansados, vão se deitar, amanhã eu lhes mostrarei. Mas isso é que foi guerra! balbuciava êle ainda, um pouco arrependido de ter deixado escapar o

Bernardo e o Anselmo sem ouvirem a narração da Guerra da Criméia!!

Os dois viajantes, receando terem de ouvir ainda a história da Guerra que tanto entusiasmava o seu anfitrião, não fizeram repetir duas vezes o convite para se retirarem. E como se achasse pronto os cômodos que lhes eram destinados, no pavilhão dos hóspedes, deram as boas noites...

Mas o Zeferino foi acompanhá-los até lá.

— Como ia-lhes dizendo a Guerra da Criméia... tornou êle...

As duas vítimas sentiram uns suores frios ao ouvirem estas palavras. O Bernardo estirou-se no leito, invocando em seu socorro a resignação, essa consoladora dos aflitos...

— Amanhã lhes mostrarei o jornal, concluiu felizmente o Zeferino. Boas noites, meus amigos, durmam bem!

Sentiu-se um ruído de chave rangendo em fechaduras, e depois tudo fez-se silêncio...

Os companheiros deram um suspiro, aliviados pelo pêso da Guerra da Criméia, e percorreram o quarto.

Só tinha janelas para o lado de fora. Foram até o corredor; a porta estava trancada!...

— Queres ver que estamos numa ratoeira, murmura Anselmo admirado?

O Bernardo que já tinha estado no sítio de seu amigo, pôs-se a rir, lembrando-se do motivo das precauções do velho...

— Ora riste, torna Anselmo quase zangado, pois eu não acho graça nenhuma nisto! Estou com vontade de arrombar aquela porta...

— Não caias nessa... diz o Bernardo rindo a bom rir... é porque você não sabe...

— Que diabo! porque te ris tanto de estarmos numa gaiola?

— ...As mulatas! segreda o Bernardo numa explosão de riso... as mulatas!...

— Ora o demo te entenda. A que vem as mulatas! a respeito de estarmos presos entre quatro paredes?!

Pois, por isso mesmo, seu bobo!... Vamos dormir é que é...

amanhã te explicarei... E eu que supunha que você sabia? acrescentou ainda o Bernardo soltando umas gostosas gargalhadas.

Afinal o Anselmo sempre se resolveu, visto não haver remédio, a deitar-se prisioneiro. O seu companheiro, mais prático e mais sabido, já ressonava na bemaventurança de um sono desejado e reparador.

Apagou-se a luz no quarto.

III

A noite estava clara. Marchetavam as estrêlas um céu dos trópicos. O luar era perfumado e as fôlhas escuras dos arvoredos brilhavam...

Reina uma inquietação soberba na vasta natureza.

De repente ouve-se um rumor no quarto...

É o Bernardo que se levanta.

Acorda-se o outro sobressaltado...

— O que é isso, Bernardo? O que é que tens? Já o Bernardo tinha suspenso a vidraça e estava com uma perna de fora, medindo a altura da janela...

— Estou com a Guerra da Criméia na barriga. Ai! ai! não posso mais... Como há de ser?

E de um salto, sem dar mais minuciosas explicações ao seu amigo, atirou-se no terreiro, com risco de romper as canelas.

Ficou-se o Anselmo a rir à bandeiras despregadas:

— Que boa peça! gritava êle do quarto, mas que boa peça! Quem vencerá a batalha Bernardo?

A resposta foi um ronco, um grunhido, um suspiro, enfim uma interjeição, uma exclamação, não sei bem o que... É difícil dar uma definição exata da coisa!...

E a cabeça do Bernardo apontou na vidraça, como uma visão ao luar, forcejando o resto do corpo para empolgar o peitoril da janela.

Não sem custo se realizou a manobra.

— Aquele diabo de queijo fresco e as pipocas... rosnou êle a entrar.

— Que esplendida peça! repetiu Anselmo, tornando-se a rir...

— Não seja tôlo! gritou o Bernardo, que estava furioso por se ter arranhado ao galgar a janela, és sempre um pedaço de burro! . . .

— Mas que peça, heim, velho?

Desta vez não teve resposta. A sua vítima já estava deitada e resolvida a guardar o silêncio para não explodir.

Voltou tudo de novo à mesma calma das noites de lua dos trópicos.

As estrêlas, cismadoras, na imensidade do céu, e as selvas sonolentas e banhadas de luz. . .

Novo silêncio, apenas quebrado pelo sôpro lento das respirações.

Daí há pouco, porém, novo rumor no quarto. Alguém se precipita da cama, obedecendo a um imperioso impulso.

A luz de um fósforo permite reconhecer o vulto. . . Desta vez é Anselmo.

Corre à vidraça, tenta ergue-la, porém deixa-a cair com estrondo, sem fôrças para suste-la.

Acorda o Bernardo sarapantado com a queda da janela:

— Que diabo é isso? pergunta.

— É o maldito queijo fresco e as pipocas!

Não posso mais. . . ui! ui! É impossível que vá lá fora. Não me dá tempo. . . Como há de ser?

— Que boa peça! grita a seu turno o Bernardo, que esplendorosa peça! Olé, como se paga.

E o Anselmo, fora de si, corre por todo o quarto à procura de não sei o que; não parece ouvir a desforra que o seu amigo está tirando das suas gaitadas de há instantes. . . Agita-se, meche, e afinal pega um jornal que encontra sôbre a mesa, estendendo-o no chão, e. . .

Gera-se no quarto um furacão; estampidos medonhos fazem-se ouvir, um verdadeiro vendaval. . . menos o cheiro! que é duvidoso. . .

Dominando à tempestade, a voz de Bernardo se esguela:

— Que boa peça! Que mirabolante peça!!

Por fim levanta-se o Anselmo, majestoso, suspende a vidraça e faz um gesto de orador para o luar, gesto cujo resultado vem a dar na queda ao longe de um volume...

E de novo cerrou-se a vidraça.

— Ora, que sempre foi um castigo, Bernardo.

...Lá se foi a coisa n'um jornal! Me parece que caiu no terreiro!... Queira Deus não encontrem amanhã!

— E eu vou logo denunciando o réu, atalhou o Bernardo numa risada.

— Não faças isso, pelo amor de Deus. É melhor fingir-nos alheios ao caso... Foi aquele diabo de queijo fresco e as pipócas, murmura o Anselmo metendo-se debaixo das cobertas.

— Mas que peça heim? meu velho, parodia Bernardo às gargalhadas. O pior é o perfume que cá ficou.

— Desta vez também não obteve resposta...

— Fez-se novamente o silêncio.

— A madrugada apontava, branca como um vestido de noiva, lá, muito longe.

IV

— Ia apenas a aurora desfraldando os campos da semi-obscuridade da noite, quando ouviu-se um ruído de chave rangendo em fechadura já meio enferrujada.

— Abriu-se a prisão. Era o Zeferino, madrugador como sempre, que acordava a rapaziada, com êle dizia.

— Então seus preguiçosos, como lhes foram de sono?

— Perfeitamente bem, responderam os dois unisono! em um só tempo, pareciam se terem combinado.

— Está bom, assim é que eu gosto. Porém me pareceu ouvir bulha aqui...

— Engano seu; dormimos perfeitamente, dizia o Anselmo; um sono só!

— Pois bem, agora levantem-se, vamos tomar café... já está fazendo dia claro... a manhã é saudável, rapazes; o ar é fresco, puro...

A atmosfera do quarto aqui está meio pesada... vê-se que vocês estavam cansados...

E de repente lembrou-lhe a mania:

— Pois é verdade, como eu ia lhes dizendo ontem, a Guerra da Criméia... foi uma coisa extraordinária! Nós vamos ver isso, o jornal está aqui nesta mesinha... Isto é que foi guerra...

O Anselmo sentiu pelo corpo um calafrio que enrugou-lhe toda a pele. Foi o mesmo que se o tivessem mergulhado em um banho de gelo depois da quentura da cama tão gostosa.

— Ué? pois onde está este jornal? murmurou o Zeferino, eu guardei-o aqui ontem!!

Como é isso? Não de me dar conta dêle, gritou, já encolerizado... fiquem sabendo que não de me dar conta dêle...

E saiu praguejando a criadagem, os moleques, todo mundo que lhe aparecia:

— Malvados! miseráveis! me jogarem fora a Guerra da Criméia!!... Ordinários.

E lá nos fundos do corredor ouvia-se-lhe ainda a voz furiosa chamando pela Guerra da Criméia!

O Anselmo estava mais morto que vivo! Balbuciava, dirigindo-se a Bernardo, que nem o escutava, coisas incoerentes, caprichosas; por pouco que não falava em se enforcar.

Entretanto o velho Zeferino, tendo percorrido toda casa à procura de sua querida Guerra da Criméia, nada tendo conseguido, apesar das pragas, voltava desolado ao quarto de seus hóspedes;

— Ora, meus amigos, não podem calcular o quanto eu sinto não poder mostrar-lhes a narração da Guerra da Criméia!... Mas como perderam isso?... É incrível!...

Mal sabia êle que a Guerra da Criméia tinha tomado parte não ativa nas lutas e que repousava em paz como uma vítima ao lado de outra: n'algum canto de terreiro.

(Almanaque do Paraná (1): 105-114, 1895)

PÁGINAS DE ORINOMANCIA

(Conto Esotérico)

Ao amigo e confrade
Dario Velloso

Sonho? E que seria a vida esta nossa vida afogada em tristezas, esta nossa vida tão efêmera, se não fôssem os raros momentos em que nos elevamos às luminosas clareiras do mistério.

Meu Castelo erguia-se em um dos alterosos píncaros da Serra do Mar, no Paraná fértil meu berço. Era de uma forte construção e de severo aspecto, sem arrebiques modernos, um reduto de nuvens, flaqueado de duas torres altas, que mergulhavam no espaço os blocos de granito num lance para o infinito.

Um só traço de união existia entre o mundo exterior e meu domínio: uma ponte levadiça que pertencera a não sei que vetusto e legendário castelo. Em derredor abismos e precipícios.

Vivia só, nessa nova Tebaida, de ideal e magia, inteiramente minha.

O castelo alto no espaço como num ninho de águia, estava quase sempre envolto no fino tecido dos nevoeiros como um velário de cinzas, ou de nuvens negras como o erebo que pareciam querer devorá-lo.

Daí o viver de preferência no interior do torrão, mobiliado confortavelmente e com um luxo bizarro... Era o meu gabinete de estudo, opulentado de riquíssima biblioteca, onde se encontravam todos os meus caros amigos, escritores, filósofos e magos das letras. Entretínhamos belas prosas, à luz — triple das lâmpadas — a maior de ouro fulvo, verde outra, e a outra, azul — dispostas em triângulo e espargindo com estudada suavidade os raios tricolores em o meu mundosinho, como o sistema solar de Gamma de Andromeda.

Nos merencórios dias brumosos islava-me ainda mais, as janelas cerradas, mesmo em pleno dia, as lâmpadas acesas dando-me o prazer dos reflexos tricolores esbatidos nos quadros e tapeçarias.

Nas madrugadas límpidas, o espaço a palpitar em ouro e as derradeiras nuvens a se dissolverem ao longe numa agonia mansa, ficava-me junto à larga janela amplamente rasgada na muralha, fitando a linha férrea que leva ao litoral, vendo-a descer lentamente, como um fio d'água negra num canal sinuoso.

E meu viver de recluso voluntário ia-se neste encantamento único, entre as quatro paredes da torre, defendida de indiscrições do exterior pela inexpugnabilidade da posição, e não tendo no interior senão vozes amigas e cariciosas que me falavam pela bôca dos livros. vros.

II

Alguns anos havia, que em tôda a linha dos intellectuais se voltava a atenção para as Ciências Esotéricas.

Os cérebros mais positivos desdenhando a pulhice de alguns retrogradados, lançavam-se ao tramite do desconhecido, e do invisível.

Os Neutros, num idiotismo indiferente, mais por indolência que por convicção, persistiam na dúvida realmente cômoda... Outros, os Tímidos, temendo o pujante impulso, seguiam indolentemente, sem entusiasmo o vertiginoso vôo dos espíritos superiores. Enfim, a Massa, a quase totalidade, para aí se ficava estacionária, impedida pela ignorância de atingir à vida Ideal, animalidade que era presa por laços ínfimos à Terra.

A Evolução aí estava, entretanto, francamente investigadora, mostrando a rota do Futuro.

III

A outra torre, exatamente disposta e mobiliada, como a por mim habitada, esperava o misterioso hóspede que devia chegar, pois tudo m'ô anunciava, o hóspede que compartilharia a minha solidão tão povoada.

... Não é paradoxo, já vo-lo disse. Tinha por companheiros habituais a todos os escritores antigos e modernos, os magos todos da antiguidade e dos de nossos dias. Tinha ainda a companhia dos silfos e das sílfides, das salamandras, dos magnais dos brumazários. Todos esses espíritos viviam em comunhão comigo, na mais perfeita e encantadora harmonia. Cantarolavam canções joviais, jocunda e festivas no espaço das rajadas de inverno, na suavidade das brisas do estio... Crepitavam no fogo, com balbúcios infantis, ou com rugidos de doida alegria, nas flamas claras e brilhantes ou nas brasas sangüinolentas. Na água, murmuravam tímida "berceuse" na linfa do regato humilíssimo, escondido sob a opulência da folhagem invasora; ou, então, nas cascatas — nas torrentes, clangoravam árias de guerra, com a sonoridade triunfal de um canto de vitória.

Nos metais, discreto silêncio; falavam apenas pelos olhos, com

o mistério das grandes confidências, em cintilações breves ou prolongadas — olhares suaves e amigos, ou terríveis de perversidade.

Vós todos eternos Espíritos, que habitais comigo, o meu castelo é inabordável, vós todos que povoais os domínios onde se refugiou meu orgulho, nesta torre fechada a sete chaves para o rumor longínquo e vão da colméia humana, vós todos eu convido, a vós todos peço:

Esperai o Hóspede!

IV

Na torre. A Chave dos Grandes Mistérios, aberta, punha no pano verde de minha mesa de trabalho um destaque branco onde se observava um como formigamento negro. O crepúsculo descia lentamente; em face um dos grandes cimos da cordilheira, incendiava-se ao sol poente; outros uniam-se num indefinido de infinita doçura, envolvendo a paisagem em gaze multicores, de extrema delicadeza. Admirava a diversidade das nuances tão brandas algo fugitivas, que se tornava impossível definir as côres quando ainda uma vês a rocha colossal fronteira, atraiu-me os olhares.

Flamejava então literalmente em ondas de fogo, pira gigantesca. Fascinava-me êste reflexo de sangue, tão persistente nesse ponto único da vasta cadeia de montanhas e lastimava comigo, não ter a meu lado, o Espírito Amigo que compartilharia das emoções de tão raro crepúsculo, quando surgindo de entre as flamas apareceu-me o perfil nervoso e fino, de uma suave austeridade de Pensador, o meu Amigo.

Como em uma evocação de magia adiantou-se lentamente, com a dignidade de um espírito superior, pairando acima das cousas do tempo e do espaço — por forma alguma admirado de sair do centro de um braseiro. Eu também, o vi sem surpresa (pois sabia que êle ia vir) dirigir-se para a ponte levadiça do meu inacessível castelo. A ponte abaixou-se no mesmo instante, rangendo alegre numa certa simpatia de inanimado. No largo portão de entrada eu esperava pronto a receber nos braços abertos o Amigo e Irmão espiritual.

V

Foi rápida a visita ao castelo e dependências. A noite a tudo invadira, sem transição sensível, após o estranho crepúsculo.

Densa bruma espargira-se pelos cimos da cordilheira e esse garoar súbito cantava na alma da Natureza a melopéa das tristezas do dia, esplendidamente morto.

V I

Nas torres se concentrava nossa vida espiritual. A afinidade que entre nós havia de gostos e tendências intelectuais fazia-nos a vida comum idealmente harmônica. Tinham as duas torres idênticos móveis e tapeçarias, de um nobre tom antigo, a mesma iluminação e a mesma biblioteca. Exatamente com os mesmos livros. Aí se encontrava tôda a vasta riqueza cerebral do globo. Havia ainda certo manuscrito em hieróglifos simbólicos, caído do planêta Marte no terraço de minha torre, em maravilhosa noite de luar, ou, quem sabe? trazido por algum espírito benéfico e simpático dessa região superior. Tinha já tentado decifrar o documento único, porém, infelizmente, com medíocre sucesso. Tôda minha fôrça de vontade, se nulificava ante os sinais três vêzes misteriosos da Simbólica Marciana, infinitamente mais perfeita que a nossa, e, principalmente, de um misticismo intenso. Tinha renunciado de momento a penetrar os arcanos desta comunicação celeste. Felizmente, o meu Amigo vinha trazer novas luzes a êsse trabalho sobrehumano.

Há alguns dias habitava êle o pavilhão destinado na outra torre em tudo igual à minha, ao Hóspede Misterioso que eu esperava, que meu coração prenunciava e era o meu próprio Amigo.

V I I

Este meu amigo tinha outrora em sua expressão fisionômica, a franca vontade severa de um fatalista.

Hoje era bem diversa a nota dominante de sua personalidade. Através o estudo das Ciências Acroamáticas sua fisionomia a princípio caracterizada por selvagem energia, tomara um meigo tom de ser. E na doçura, os olhos azuis brilhando, iluminados, irradiando vagos luars cerúleos. A voz, tinha blandícias acarinhadoras ao narrar as experiências magnéticas, a investigação do pensamento irmão da alma irmã, as distâncias outrora inatingíveis apenas sensíveis ao esforço da vontade. Do antigo Amigo, audacioso e colérico, indômito e arrojado, não ficara sobra. Apenas se acentuara agora a tenacidade pelo estudo — o estudo que se lhe tornara a Missão necessária e apaixonada, objeto e grande fim da Vida. Compreendendo melhor que ninguém o alcance das velhas Ciências, ressuscitadas da poeira dos séculos, era infatigável na indagação dos mais fugitivos problemas da razão e da imaginação humana.

Era, em uma palavra, um Apóstolo convencido da Arte. E, se as suas crenças não eram tôdas definitivas, tinham entretanto, um cunho de verdade e de sinceridade.

E qual o fim da existência? Qual o dever de cada um? senão o de **na esfera que lhe é prescrita**, seguir a Linha reta, sem desvio algum. Isso, faziam-no o homem e o artista, o meu Amigo o fazia, com a consciência absoluta de caminhar para a ideal Verdade e para a eterna Luz.

De quem a culpa, se a Verdade não é senão a Mentira final e a Luz. Trevas?

Não será por certo daqueles que têm trabalhado com o Coração e a Alma, através tantas Torturas e tão pouca Esperança!...

VIII

Manhã radiosa: A atmosfera canta sob o magnetismo do Sol, lâmpada mística flutuando na imensidade sideral.

Meu castelo paira nos ares, quase imaterial na vasta espiritualidade das coisas circundantes.

Absorto em trabalhos teosóficos, não via o meu Amigo a doze dias. De resto, o nosso espírito estava sempre em comunicabilidade, palestrando longamente através da distância que nos separava de uma torre à outra, distância em verdade, nula para o nosso pensamento, habituado e obediente às minhas sugestões da vontade. Entretanto, não podíamos atingir ainda tôdas as faculdades novas; restava-nos principalmente adquirir para nossos olhos a força dos raios X:

Resultava daí uns resquícios de atavismo impenitente que nos despertavam, por vêzes, o desejo de nos vermos materialmente, em carne e osso. Sentia êsse atavismo ao dirigir-me à torre ocupada pelo meu amigo, a quem não via a alguns dias, saudoso de sua meiga fisionomia, séria e expressiva, tão carinhosa de fraternal amizade.

Chego. A porta achava-se entreaberta. Entro, inapercebido, no gabinete de estudo. Silêncio claustral, o aposento parece abandonado.

Chamo docemente. — Nada.

Entro a inquietar-me, não sabendo a que atribuir tal silêncio, quando de uma galeria vizinha, próximo ao terraço, ouço a voz de meu Hóspede, elevar-se vibrante, como fanfarra profética, em uma invocação mágica.

Corri à galeria.

De pé, um manto de púrpura caindo-lhe magestosamente das espáduas, magnificamente, à cabeça a mitra persa, o meu Amigo —

agora Mago, dirigia-se às Potências Criadoras, os braços erguidos para as Constelações invisíveis.

Larga faixa cerúlea caía das alturas do zenite, como uma escada de sonhos, feita de raios, invadindo o aposento de perfumada luz.

Era o tramite que nos abria para a eterna Juventude, para a Verdade, para a Justiça, e para a Felicidade.

Perlustramo-lo num audacioso vôo o espírito livre ao enlace da Matéria.

E, em pleno azul, revelou-se-nos, enfim, o problema dos Grandes Mistérios.

Setembro de 1898.

(Club Curitibano (9): 2-4, 1898)

EX-CATEDRA...

conto

Do alto de sua cadeira de lente de mitologia, cadeira escultural e simbólica, Sixtus Kneipf, muito jocosos e disposto naquele dia, fazia uma preleção sobre o antigo Olimpo caído, sobre os deuses destronados da Grécia poética.

Lembrava ele mesmo, no centro da cadeira monumental, um rubicundo Baco, satisfeito da vida.

Sua cara iluminada por um riso enorme se enrugava numa alegria irrespeitosa; mofava dos antigos deuses lendários e mortos na memória dos povos; o proeminente ventre se lhe sacudia com as risadas estrepitosas, vibrantes, na vasta sala universitária, cheia do humor provocado nos estudantes pela estranha lição sobre as velhas divindades.

Era o antigo esplendor do Olimpo atirado à lama da irreverência e da galhofa; era o Olimpo ludibriado num ímpeto de destruição ímpia por aquele velhote cujo aspecto, por uma estranha anomalia, era contudo mitológico, um rubicundo Baco.

— “Júpiter, dizia com voz ainda sonora o professor Sixtus, é um Deus constitucional, cujos ministros Netuno e Plutão, um na pasta da marinha, e o outro na dos Negócios Internacionais, altercam às vezes com seu soberano; porém as crises ministeriais nunca foram de grande

importância, terminado logo à contento de todos sem que seja necessário recorrer à uma mudança de Gabinete. Manifestam-se algumas vezes influências de saia nas decisões do deus.

Vênus, ostentando as belas formas nuas, rica de juventude e de volúpia, prende-o à sua vontade e mesmo aos seus caprichos. Júpiter fecha paternamente os olhos sobre os galanteios semi-platônicos desta deusa com Marte e Mercúrio, dois ministros dos quais me esquecia os ministros da Guerra e do Comércio e Vias de Comunicação.

Por vezes dão-se desavenças conjugais entre Júpiter e sua consorte. Juno é ferozmente ciumenta. O deus não tendo reconhecido um bastardo que teve de Europa, chamado Midos, esta diverte-se por vingança em revelar a Juno as numerosas bilontragens de seu esposo, motivando isto frequentemente cenas de interior, tanto mais para lastimar visto que as leis Olímpicas não admitem o divórcio. Contudo Juno é uma honesta deusa burguesa, perdôa logo ao marido as suas infidelidades contanto que se torne amável para com ela. Júpiter compra-lhe jóias baratas e ei-la encantada, esquecendo suas loucuras, acariciando-o, beijando-o como a um bebê, animando-o em seus robustos braços de matrona, de epiderme um pouco rude, porém hábeis em amorosos afagos, em travessuras femininas e nas carícias castas e legítimas”.

Com sua palavra sonora, interrompida apenas pelo riso sarcástico dos estudantes, o lente Sixtus Kneipf, prosseguia a sua preleção escarnecedora sobre os deuses antigos, empregando termos de um humor intolerável e ridículo.

Passou em revista as divindades tôdas do Olimpo, cuspidando em cada uma o irrespeito e a galhofa.

Torna-se por demais extravagante esta interpretação assim à condicionada mitologia. Os estudantes não riam mais, entreolhavam-se, cheios de assombro perante a verve profana e risível do velho Mestre.

— “Senhores, gritou Sixtus erguendo-se sobre as magras pernas titubeando, o olhar turvo. Sua voz tinha uma insólita intonação. De um gesto formidável, abrindo os longos braços, exclamou de novo:

— “Senhores! vêde diante de vós Júpiter em pessoa, ressuscitado da noite dos séculos para conquistar seu antigo poder, e esmigalhar com êstes raios, (fez um gesto ameaçador) os deuses usurpadores do poder. Prosternai-vos, infimos mortais, prosternai-vos diante da minha eterna majestade”.

Calafrios de morte passaram pela sala, fêz-se um silêncio de vácuo em torno de Sixtus louco. . .

Oh! a terrível ironia da sorte! esta expiação das palavras blasfemas sobre a cinza dos deuses.

Expição, certo, devia ser isso.

Quão doloroso era ver-se êste bom homem, lembrando um velho Baco gasto e degenerado, imaginando-se, num acesso de súbita loucura, o rei dos deuses, Júpiter irado, incendiando o espaço com o clarão dos seus raios!

(Almanach Paranaense (3): 101-102 — 1898)

NOTAS:

- 1 — Os textos reunidos representam tôda colaboração literária do autor no Paraná.
- 2 — Por considerarmos de pouca importância deixamos apenas de publicar 4 textos: *Dévouement* (versão de uma página de Dario Velloso), *Carlos Gomes* (crítica musical), uma tradução de *O Corvo* de Leconte de Lisle, (extraído do *Cenáculo*) e *Les écoles littéraires modernes* (do Club Coritybano).
- 2 — O trabalho contou com a colaboração do aluno William Vasconcelos Pessoa, do 4.º ano de Letras da FAFI.

Outras referências sobre o autor:

ANDRADE MURICY. Meia hora com Itiberê da Cunha. *Festa*. 2.ª fase. Rio, 1 (5): 7-8, 11. dez. 1934.

BANDEIRA, Manuel. Prefácio. In: —. *Antologia dos poetas brasileiros da fase simbolista*. Rio, Tecnoprint, 1965. p. 10 (edições de ouro, 465).

GOÊS, Fernando. Jean Itiberê. In: —. *O Simbolismo*. Rio, Civilização Brasileira, 1959. p. 205-7 *Panorama da Poesia Brasileira*, 4).

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Introdução. In: —. *Poesia Simbolista Antologia*. São Paulo, Melhoramentos, 1965. p. 11-32.